

# QUAL É O LIMITE?

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, A POLÍTICA COLOMBIANA ÍNGRID BETANCOURT, QUE MOBILIZOU O MUNDO QUANDO CORRIA RISCO DE MORRER COMO REFÉM DA GUERRILHA DE SEU PAÍS, LIGADA AO NARCOTRÁFICO, DIVIDE UM POUCO DA EXPERIÊNCIA QUE LHE DEU NOVA VISÃO SOBRE PRIORIDADES, TEMPO E NEGOCIAÇÃO



Foto: Lola Studio

**Q**uando ela estava para completar 30 anos de idade, assassinaram, durante um comício, o líder político Luis Carlos Galán, que, como sua família acreditava, mudaria a Colômbia, eliminando a corrupção e o narcotráfico. Logo atrás de Galán no palanque estava sua mãe, que podia ter sido a vítima.

Íngrid Betancourt morava na França em 1989 e foi tão afetada pelo episódio que resolveu imediatamente voltar à terra natal e procurou uma forma de política fora dos partidos, para distanciar-se deles e denunciar sua corrupção endêmica, que, em sua visão, era o que jogava o país na lama. Filiou-se ao Partido Verde, o que equivalia a ser uma candidata independente na prática, e obteve a maior votação ao Senado em 2000 –“obviamente, as pessoas não votavam em mim, e sim contra o sistema”–, mas viu-se isolada no Congresso. Dois anos depois, candidatar-se à presidência e, quando estava em campanha, foi sequestrada pelos guerrilheiros das FARC, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, ligados ao narcotráfico.

Íngrid permaneceu refém deles, muitos dos quais cruéis, por seis dramáticos anos, e o restante da história o mundo inteiro conhece. Ela acaba de lançar seu livro de memórias, *Não há silêncio que não termine* (ed. Companhia das Letras), em parte fruto da terapia após o fim do cativeiro, em julho de 2008. Esteve recentemente no Brasil para o Fórum HSM de Negociação e concedeu entrevista exclusiva a Marcos Braga, presidente da HSM, na qual dividiu um pouco de seu aprendizado antes, durante e após o cativeiro, que envolve do autoconhecimento à decisão de fixar novos limites. Ainda controversa, a ex-radical Íngrid se uniu ao governo (a que tem críticas) contra um mal maior: as FARC.

**A entrevista é de Marcos Braga, presidente da HSM.**

**Sei que seu pai era embaixador e que a política corria em suas veias. Mas, depois do assassinato de Galán, a sra. lançou-se na política de modo independente. Fazia sentido isso?**

Agir de algum modo quando se vê algo muito errado acontecendo sempre faz sentido. Eu comecei a agir sozinha, de fato, mas fui me unindo a outras pessoas durante a jornada. No Congresso, éramos quatro, na verdade; fomos apelidados de “mosqueteiros” [que eram quatro na obra de Alexandre Dumas]: eu, Carlos Alonso Lucio, Maria Paulina Espinosa e Guillermo Martínez Guerra. Parlamentares estreados, nós nos unimos a partir de um convite de Guillermo, que decidiu convidar para sua casa os mais de cem novatos. Só nós três aparecemos.

Tínhamos objetivos comuns, principalmente o de denunciar a corrupção. Descobrimos que estavam sendo pagas comissões na licitação de fuzis e que a Colômbia ia comprá-los por cinco vezes mais que o mercado pagaria. Fizemos um primeiro debate no Congresso sobre o assunto e conseguimos apoio da opinião pública, mas ganhamos muitos inimigos no governo e no exército. Aí é que descobri o mundo em que havia entrado, um mundo de manipulação de informações, em que os meios de comunicação também colaboravam para isso. Chegamos a fazer greve de fome por isso, Guillermo e eu.

**Por que o Partido Verde?**

O tema do meio ambiente era essencial. Na Colômbia havia níveis de contaminação muito elevados de água, solo e ar. As leis que protegiam e permitiam prevenir e resolver o problema ambiental existiam, mas não eram aplicadas e o sistema fez o PV ser percebido como um partido não sério, mais assemelhado a uma ONG. Vale lembrar que o ano era 1994, quando o aquecimento global e a ecologia não eram tão levados em conta; hoje fizemos grandes progressos. Por mais que os PVs nacionais não sejam tão fortes mundialmente, sua voz já se faz ouvir. Hoje, todos nós temos leis que são aplicadas.

**Como decidiu concorrer à presidência?**

O presidente havia sido financiado pelos cartéis de drogas e o Congresso tinha a possibilidade de julgá-lo. Coube a mim fazer a investigação e de repente me vi sozinha, porque todos escondiam provas. O resultado foi que a maioria votou pela inocência do presidente. E essa foi uma das razões que me levaram a candidatar-me à presidência.

**E a sra., candidata, quis negociar com as FARC. Não foi um risco desnecessário?**

Eu e meu partido nunca negociamos com as FARC. Mas o presidente da Colômbia pediu aos candidatos que falassem com os comandantes e analisassem as negociações de paz que estavam acontecendo. Eu expus aos comandantes um caso que me doeu muito, de um menino de 12 anos –a idade do meu filho–, morrendo de câncer, cujo pai tinha sido sequestrado e que pedia para ver o pai antes de morrer. As FARC negaram, o pai fugiu, a guerrilha o capturou e o matou –um ato de guerra. Aí a negociação foi interrompida; não parecia que as FARC quisessem a paz.

Quebrado o acordo, em fevereiro de 2002, resolvi ir ao vilarejo que era o centro da zona de segurança onde se realizavam os diálogos, para tentar retomá-los. O governo retirou minha escolta de segurança e as FARC me sequestraram quando me dirigia até lá.

**Como lidou com suas expectativas?**

Nas primeiras horas, eu tinha esperança de ser libertada logo. Depois, pensei que o seria após as eleições, porque eu não teria mais valor então. Quando completou um ano de sequestro, aceitei que continuaria presa por anos –ou morreria. Aí minha obsessão era fugir.

**Sempre algum objetivo em mente. Ter outros reféns com a sra. ajudou?**

Esses companheiros variaram muito. Por um ano e meio, ficamos sozinhas eu e a amiga com que fui sequestrada. Aí juntou-se a nós um senador durante seis meses. Mais tarde, éramos dez prisioneiros, quatro mulheres e seis

## SAIBA MAIS SOBRE ÍNGRID

Nascida em Bogotá, a capital colombiana, Íngrid Betancourt é filha de um embaixador de origem francesa e de uma ex-miss Colômbia de ascendência italiana. Viveu em Paris e educou-se na França, porque seu pai trabalhava na Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Costuma dizer que teve uma infância dourada, “de anos muito felizes para nós”.

Muitas das ideias de Íngrid vêm de seu pai e do ambiente que este lhe proporcionou. Com a ambição de garantir boa educação para todos os colombianos, seu pai chegou a fundar o Icetex (Instituto Colombiano de Crédito y Estudios Técnicos en el Exterior), um modelo de instituição que acabou sendo copiado no mundo inteiro, segundo Íngrid, e que empresta fundos a quem queira estudar no exterior. O pai, cuja família faliu na crise de 1929 e cuja mãe criou oito filhos com o ofício de costureira, recebeu ajuda de um empresário para estudar ele mesmo no exterior e quis oferecer essa experiência de forma estruturada para todos.

“Cresci em um ambiente em que havia uma obsessão por servir. Minha mãe sempre cuidou das crianças de rua; acabou metendo-se em política também e conseguiu promulgar uma série de leis para proteger os menores na Colômbia. Toda minha vida ouvi conversas sobre o que fazer para a Colômbia ser melhor para os colombianos”, conta Íngrid.



Foto: Lola Studio

homens, em um espaço bem reduzido. Ao lado, havia uma prisão maior com 40 militares e policiais. Assim ficamos um ano. Quando o exército colombiano começou a perseguir aquela milícia, abandonamos o local e redividiram o grupo em vários. Fiquei em um grupo de dez pessoas, sendo eu a única mulher, por quatro anos. Nos dois anos seguintes, éramos 15.

#### **Alguns ex-reféns acusaram-na de ser autoritária e manipuladora. Não houve a união que se espera em horas assim?**

Há certo sensacionalismo na busca de problemas entre os prisioneiros das FARC, mas aceito as críticas que fazem, até porque são a expressão de uma dor maior. Nenhum de nós teve comportamento exemplar no cativeiro. Queríamos ser heróis, mas éramos só humanos, feridos em sua dignidade, sempre acorrentados e submetidos à pressão e à manipulação das FARC. Cada um fez o melhor que pôde, creio.

Mergulhamos na lama de fato. Mas prefiro lembrar os diamantes que

também houve ali, momentos extraordinários, em que fomos generosos e salvamos a vida uns dos outros. São eles que me permitem olhar para trás e pensar nesses prisioneiros como minha família. Não nos entendemos bem com todos em nossa família, não é verdade? Mas gostamos deles. Do mesmo modo, gosto de cada um desses companheiros de cativeiro e com quase todos mantenho contato, à exceção de dois. Viveram comigo 24 horas por dia durante esses seis anos; nem com meus pais ou filhos eu convivi tanto.

#### **Acredita-se que situações-limite fazem com que as pessoas mudem. A sra. mudou? O que aprendeu sobre si mesma?**

Minha mudança foi lenta. Demorei para aceitar o sequestro e as regras do jogo impostas pela guerrilha. Demorei para entender que precisava me repositonar perante mim mesma. Mas entendi. Por exemplo, passei por uma mudança espiritual diante da possibilidade real da morte, tive de saber se eu acreditava em um Deus. Eu pen-

sava: “Não pode não existir um Deus”. Tive, por sorte, acesso a uma Bíblia e lendo-a consegui responder a muitas de minhas perguntas.

Isso me obrigou a revisar todas minhas condutas. A primeira coisa é que administrei meu tempo e criei a rotina da meditação, o que me levou a uma transformação de caráter. Eu era impaciente, voluntariosa, tinha dificuldade de ouvir os outros; hoje, consigo prestar mais atenção a minha volta e agir de forma consensual. Isso mudou minhas prioridades na vida e minha própria definição de felicidade: para mim, tinha a ver com sucesso –escalar cargos públicos e realizar projetos– e hoje se resume à palavra “repouso”; trata-se de uma serenidade d’alma.

#### **Como foi a libertação? Deu-lhe uma sensação de conquista?**

Estávamos nas mãos do comandante Enrique, alguém que tinha prazer em ser cruel, e as coisas começaram a ficar estranhas. Mudaram o acampamento, fizeram com que andássemos

meses em uma fazenda de cultivo de coca, inclusive. Um dia, Enrique veio nos dizer que uma comissão de ajuda humanitária falaria conosco e que alguns seriam liberados. Como já haviam mentido, fiquei cética. Dois dias depois, o grupo aumentou de dez para 15 pessoas e nos levaram de canoa para um acampamento com camas cheias de pulgas. Na manhã seguinte, veio o superior de Enrique nos avisar que helicópteros nos levariam para outro lugar. Ficamos apreensivos, até porque tínhamos trauma de helicóptero; seu barulho era prenúncio de enfrentamento com o exército, ou seja, de recolhermos tudo e sair correndo, e isso sempre me dava ânsia de vômitos –ainda hoje acontece.

Quando o tal helicóptero aterrissou na plantação de coca, desconfiei que era uma farsa; não eram europeus como disseram e os crachás tinham a pomba do sabonete Dove. Precisaríamos ir algemados, estavam filmando tudo e houve revolta: meus companheiros se jogaram no chão. Eu estava de mau humor, odiava que me filmassem, sentia-me humilhada. As pessoas que estavam no helicóptero pegaram os dois comandantes, que, quando percebi, estavam nus e amarrados. Foi tudo tão rápido que eu não entendi nada, até que um deles gritou: “Somos o exército da Colômbia; vocês estão livres”.

Foi um momento extraordinário, nunca pensei em sentir tamanha felicidade outra vez. Meus companheiros pulavam tanto que eu achei que íamos nos matar em vez de chegar em casa. Não consigo sair desse estado de gratidão até hoje. Foi uma nova oportunidade que a vida me deu.

#### **A sra. era descrita como ambiciosa. Sua ambição ganhou novos limites?**

Sim. Eu me convenci de que não são as leis que vão mudar o mundo, nem os políticos, nem os presidentes, nem os Congressos. O mundo vai mudar se conseguirmos sentir compaixão pela dor alheia, se nos abrimos ao outro, se soubermos nos colocar em sua pele, se culparmos menos e perdoarmos mais.

#### **São lições que se aplicam a tudo na vida, sem dúvida. Mas isso inclui perdoar o Estado colombiano?**

Inclui. Na Colômbia existe uma lei que permite que vítimas de terrorismo tenham acesso a uma indenização, porque, no contrato social, o Estado tem de zelar pela segurança dos cidadãos. Eu entrei com pedido e o governo colombiano reagiu negativamente a isso, o que me surpreendeu; afirmou que assim eu atacava os próprios soldados que me libertaram. Distorceram minha iniciativa insinuando que eu queria, para mim, uma soma astronômica dos cofres públicos –era o valor para todos os sequestrados–, e a opinião pública hoje não vê isso como um direito, e sim como um abuso. Devo dizer que, se eu ganhasse a indenização, não a aceitaria, mas queria marcar posição.

### “NÃO CREIO QUE HOJE ME ENTUSIASMARIAMUITO EM ME APRESENTAR COMO CANDIDATA À PRESIDÊNCIA. QUERO TRABALHAR NA FUNDAÇÃO”

O fato é que essa movimentação, cujo intuito é eu não voltar à política, me fez sentir a dor da injustiça de novo e retirei o pedido, porque o mais importante é minha paz interior. Já perdi muito na selva: não segurei a mão de meu pai quando faleceu, perdi minha casa, meu trabalho, não assisti a meus filhos crescendo, tive de reinventar minha vida. Também entendi que temos de nos unir, o governo e eu, contra um único inimigo: as FARC.

#### **Alguns políticos brasileiros ainda veem as FARC como organização política...**

Sou de esquerda e me importa que haja justiça social em nossos países. Também cheguei a pensar que as FARC traziam um pouco desse ideal romântico. Mas, desgraçadamente, o que vi era muito diferente do que tinha desejado ver. Não houve uma atitude enaltecedora deles; o ideal revolucionário se perdeu. Isso me leva à reflexão: os meios é que definem o fim. O meio, no caso, foi o cartel do narcotráfico.

#### **Suas desavenças com o governo encontraram seu limite na necessidade de unir-se contra as FARC. E há limite para negociar com as FARC?**

O terrível é que não há nada que possamos oferecer a eles, em uma negociação, melhor do que já têm. Como já se conformaram que não terão poder na política, seus objetivos são apenas continuar enriquecendo e manter a sensação de poder –como narcotraficantes armados, têm muito poder. Um guerrilheiro me disse uma vez: “Sou o rei deste povoado”. O limite está dado, portanto. Mas vale dizer que, hoje em dia, se eles ainda não estão derrotados, pelo menos estão cercados.

#### **A sra. atingiu seu limite ou continuará tentando ajudar o povo colombiano? Vai se candidatar à presidência de novo?**

Não creio que hoje me entusiasmassem muito em me apresentar como candidata à presidência. Preciso reconstruir minha vida e curar feridas com terapia –algumas permanecem abertas. Mas não há limite; continuarei ajudando com o trabalho na fundação que estamos construindo e que vai apoiar sequestrados que ainda estão na selva: são mais de 3 mil pessoas lá, sendo 18 políticos. Se puder auxiliar as famílias dos prisioneiros, em particular os filhos, e os libertados a refazer sua vida também, será ótimo: um dos recém-libertados, por exemplo, que foi ameaçado de morte inclusive, está fazendo um curso de direitos humanos na Itália.

Além disso, queremos ter uma ação preventiva em regiões onde as FARC recrutam adolescentes e lhes oferecer alternativas. Com toda essa experiência, transformou-se o que para mim era a razão de viver. **M**